



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS COM HABILITAÇÃO PLENA EM
LÍNGUA PORTUGUESA**

HELENA SEVERINO DO RÊGO

**A vida “ao rés-do-chão”: linguagem e exclusão social
em *Vidas Secas***

CAMPINA GRANDE – PB

2013

HELENA SEVERINO DO RÊGO

**A vida “ao rés-do-chão”: linguagem e exclusão social
em *Vidas Secas***

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras com habilitação plena em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação plena em Língua Portuguesa.

Orientadora: Dra. Kalina Naro Guimarães

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

R343v

Rêgo, Helena Severino do.

A vida ao \ "rés-do-chão\ [manuscrito]: linguagem e exclusão social em Vidas Secas / Helena Severino do Rêgo. – 2013.

26 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.

“Orientação: Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães, Departamento de Letras”.

1. Linguagem 2. Análise do Discurso 3. Exclusão Social I.
Título.

21. ed. CDD 401.41

HELENA SEVERINO DO RÊGO

**A vida "ao rés-do-chão": linguagem e exclusão social
em *Vidas Secas***

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras com habilitação plena em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação plena em Língua Portuguesa.

Aprovada em 26 /07 /2013.

Kalina Naro Guimarães 9,0

Profª Dra. Kalina Naro Guimarães / UEPB

Orientadora

Roberta Soares Paiva 9,0

Profª Msª. Roberta Soares Paiva / UEPB

Examinadora

RMS de Queiroz 9,0

Profª Dra. Rosângela Mª S. de Queiroz

Examinadora

A VIDA “AO RÉ-S-DO-CHÃO”: LINGUAGEM E EXCLUSÃO SOCIAL EM VIDAS SECAS

Helena Severino do Rêgo
Graduanda da Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

A linguagem se insere em nossas vidas por diversos meios e é através dela que constituímos nossos anseios e opiniões. A literatura, que também é linguagem, embora seu uso e sua recepção se diferenciem das formas que utilizamos em outras esferas comunicativas, apresenta histórias e personagens capazes de sensibilizar o leitor por meio de narrativas que apontam diversas problemáticas sociais. O presente artigo realiza uma pesquisa bibliográfica sobre a relação estabelecida entre exclusão social e a pouca habilidade discursiva dos sujeitos excluídos. Através dessa incursão teórica, este trabalho analisa o parco uso da linguagem pelas personagens na obra *Vidas Secas*, do escritor Graciliano Ramos, publicada em 1938, tendo em vista que elas utilizam uma linguagem monossilábica, lacunosa, deixando ao leitor a sensação de um silêncio contínuo na obra. Contudo, essa manifestação discursiva insuficiente é um fator responsável pela significação do romance. Para este estudo, tomou-se como *corpus* os capítulos Fabiano, Cadeia, O menino mais velho e Contas, no intuito de apresentarmos uma análise comparativa, visando, sobretudo, a observar como o uso insuficiente da linguagem interfere negativamente na vida dos personagens Fabiano e o menino mais velho, refletindo uma situação de exclusão social. Para tanto, tomamos como pressupostos teóricos os autores Bakhtin/Volochinov (1995), Orlandi (2007), Candido (2008), Carvalhal (2007), dentre outros.

Palavras-chave: Vidas Secas; Linguagem; Exclusão

INTRODUÇÃO

O escritor Graciliano Ramos é conhecido em nossa literatura por suas obras de linguagem precisa, com a qual representa as angústias e os dramas do ser humano. Sendo alagoano, o autor conviveu de perto com as problemáticas sociais da região nordeste, elegendo a relação do homem nordestino com a sua terra o foco temático de algumas de suas obras. Ele foi considerado pela crítica como um dos melhores ficcionistas da literatura brasileira de todos os tempos, inclusive algumas de suas obras foram

premiadas em vista da importância que elas representam para a literatura nacional e internacional. Dentre as premiações, destacamos o prêmio Lima Barreto concedido em 1937, pela Revista Acadêmica, e a premiação da Fundação William Faulkner, da Virginia, em 1962.

A obra *Vidas Secas* está inserida no período histórico de nossa literatura denominado de romance de 30, cujo traço marcante era, a partir das observações sobre o espaço e as relações humanas nele estabelecidas, documentar as problemáticas sociais desse período, com o destaque para a situação nordestina. A narrativa aborda a questão da seca e a situação do homem que vive no campo em meio a um “deserto” ocasionado pela falta de chuvas e de oportunidades de melhores condições de vida.

Como enredo, o romance *Vidas Secas* apresenta o trajeto de uma família de retirantes em busca da sobrevivência; o espaço representado é o cenário nordestino devastado pela falta de chuvas. No entanto, apesar de abordar uma experiência própria aos sertanejos, a obra alcança a universalidade, tendo em vista o tratamento estético e filosófico que recebe. Dessa maneira, o drama vivenciado pelos personagens desperta a atenção de muitos leitores, independentemente de estes conviverem ou não com a temática abordada no livro.

Reconhecendo a abordagem temática tratada em *Vidas Secas*, a presente pesquisa focaliza o parco uso da linguagem pelos personagens do romance, com o propósito de analisar de que maneira essa ausência linguística interfere nas relações entre os constituintes da família de retirantes e na percepção de si e do mundo. Tal problemática é pertinente considerando que a falta de atuação efetiva da linguagem influencia diretamente na interação dos indivíduos e no modo destes se situarem e atuarem no mundo.

Sendo assim, tomamos como *corpus* para estudo o romance os capítulos *Fabiano*, *Cadeia*, *O menino mais velho* e *Contas*, visando apresentar uma discussão em torno da representação literária da carência material e afetiva dos personagens aprofundada pela limitada aptidão com a linguagem. Portanto, nesta pesquisa, construímos uma abordagem que reflete sobre o uso da língua, ou melhor, sobre as dificuldades de usá-la nas práticas sociais, dentro do universo do referido romance.

A ausência de diálogos, os barulhos e os gritos dos personagens, o medo de falar e de perguntar, a pobreza de vocabulário exposta no silêncio ao qual cada personagem, por fim, acaba se recolhendo, nos levam a ver que o uso da linguagem é responsável pela interação entre os indivíduos, e estes, quando não a utilizam a seu favor nas relações sociais, prejudicam sua qualidade de vida. Sendo assim, propor a discussão sobre a dificuldade dos personagens em se relacionar com a linguagem e os efeitos desse embaraço contribui na compreensão da exclusão social vivenciada pela família.

Para desenvolver o estudo, situamos *Vidas Secas* no romance de 30 com o propósito de compreendermos qual a concepção ideológica defendida por este movimento literário e com isto verificarmos como essa obra se insere nesse contexto.

Posteriormente, refletimos sobre a importância da linguagem na construção de sujeitos que agem e interagem no mundo. Para tal, consultamos os autores Bakhtin/Volochinov ([1929]); 1995), João Wanderley Geraldi (1997), dentre outros. Após essa abordagem, construímos uma leitura que tematiza a pouca atividade linguística dos personagens do romance em estudo.

Em seguida, efetuamos a análise literária do romance considerando os ensinamentos de Candido (2008), para quem a estrutura externa (a exclusão social dos retirantes, a dificuldade do povo mais humilde de se estabelecer como sujeito e como cidadão, fazendo uso, para isso, da linguagem) só vale quando a recuperamos no mundo criado pelo autor.

Por fim, nosso caminho para a leitura também seguiu um viés comparativo – tendo em vista que tal forma de investigação designa o confronto entre textos distintos para que, através do paralelismo lançado entre eles, se detecte elementos em comum ou diferenciados, traçando dessa forma um diálogo entre os objetos em estudo –, na medida em que nossa análise mostra as convergências e as divergências observadas nos capítulos selecionados na obra, a saber: *Fabiano*, *Cadeia*, *O menino mais velho* e *Contas*.

1. Vidas Secas no contexto do romance de 30

O homem nordestino que vive no campo tem sua vida marcada por tempos de grandes estiagens, que comprometem a produção de alimentos, seja para o próprio consumo, seja para a criação de animais. Essas dificuldades de sobrevivência acarretadas pela seca deixam marcadas na história do nosso país um número significativo de migrações da população que reside na zona rural. A realização dessas mudanças representa o anseio de fugir da seca e a busca por melhores condições de vida, já que na terra natal a existência se torna precária, quando não impossível em decorrência da falta de água. A luta dos sertanejos que precisam mudar para a cidade e a persistência daqueles que resistiam no campo em meio à grande estiagem faziam (e fazem) desses homens e mulheres verdadeiros heróis na luta pela sobrevivência. O modo de vida e as histórias desses lutadores certamente dariam para compor muitos livros.

Contudo, nossa literatura foi marcada por períodos nos quais os heróis que faziam parte das grandes histórias possuíam características físicas e intelectuais que transmitiam ao leitor a ideia de seres superiores, retirando do universo romanesco personagens que representassem pessoas comuns, de “carne e osso”. Esta concepção do herói como verdadeiros deuses está relacionada ao significado literal da palavra (herói = hêros), que na antiguidade grega significava “semideus”; já nos tempos modernos, o termo passa a representar aquele que protagoniza uma história de ficção (MOISÉS, 2011, p.255-256).

Com o tempo, a arte passou por mudanças, e a literatura, como parte daquela, também foi transformando sua forma de representar suas histórias: estas passam a ter mais a “cara” da sociedade da qual faziam parte. Em decorrência dessas transformações, muitas obras foram e ainda são publicadas de modo que a leitura desperta no leitor a atenção para fatos que lembram acontecimentos que fazem parte da realidade, inclusive com personagens que simbolizam determinados tipos de sujeito social.

Um marco na história da literatura brasileira, que representou momentos de grandes mudanças no modo de produção da arte, foi a Semana de Arte Moderna, ocorrida no ano de 1922. Os artistas engajados neste movimento propunham a ruptura com os valores estrangeiros que estavam

arraigados à produção nacional, e é através do movimento modernista que a cultura brasileira passa a ser contemplada de uma maneira crítica, com vistas à revisão do nosso passado histórico.

Em vista das transformações iniciadas na Semana de Arte Moderna, temos na década de 1930 um grande impulso do campo ficcional brasileiro, em virtude do trabalho estético realizado pelos romancistas desta época. Segundo Bosi (2006, p.383); “Somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estruturou depois de 1930”. Logo, compreendemos a importância atribuída às produções artísticas representativas desta época. Vale salientar que, embora o movimento literário de 1930 tenha ocorrido em nível nacional, é no nordeste que ele ganha maiores proporções, tendo em vista que muitos autores envolvidos com essa estética eram nordestinos e abordaram em suas produções os aspectos sócio-políticos desta região.

O principal compromisso do movimento romancista de 1930 foi trazer as questões de ordem social para a literatura, de modo que este ganhasse um caráter mais documental e um tom de denúncia, sem, no entanto, deixar de lado o valor estético.

Montenegro (1983, p.14), ao discorrer sobre o romance de 30, afirma:

A literatura recupera aqui a sua sociabilidade e o mundo do homem nordestino, carente e desvinculado, mas obstinadamente incrustado em sua moldura ecológica, procura vencer imperativos técnicos, econômicos e sociais, institucionalizados à sua revelia.

Na assertiva acima, percebemos a estreita relação que é estabelecida entre a arte e o social, de modo que o olhar se volta para o povo nordestino e para as dificuldades por eles vivenciadas. Este fator mais regional é o que fará com que a estética também seja reconhecida como regionalismo de 30.

Considerando a perspectiva defendida, houve temáticas que obtiveram certo privilégio entre os romancistas, das quais destacamos a seca, a emigração e a exploração do homem. Estas escolhas temáticas se explicam

justamente por essas problemáticas fazerem parte da vida de grande parte da população nordestina.

Dentre os autores inseridos no regionalismo de 30, Graciliano Ramos obteve êxito, sobretudo, pela publicação de *Vidas Secas* (1938), obra na qual é retratada uma grande estiagem, de modo que os personagens da trama sobrevivem nos limites da pobreza e da desigualdade humana. A linguagem utilizada neste romance é bastante objetiva. Diríamos até que o próprio estilo de escrita mais direto do escritor é superado em *Vidas Secas*. Ele usa um modo mais “seco” de escrita, como afirma Montenegro (1983, p.17);

Em “*Vidas Secas*”; o estilo peculiar de Graciliano Ramos, isto é, a concisão, precisão e sugestão dos vocábulos chega à sua forma mais depurada: O vocábulo exato, a frase seca, curta, direta, revelam apenas o essencial. E esse estilo contido é precisamente um dos grandes fatores da força emotiva que emana do romance e da caracterização da criatura sub-humana, do homem telúrico do nordeste aí retratado [...].

Este traço de linguagem mais objetivo que temos em *Vidas Secas* é um elemento utilizado pelo autor na caracterização de personagens que possuem históricos de vida diretamente ligados a terra e ao sofrimento, por isso a escolha vocabular com expressões ainda mais duras que o habitual.

Tendo a obra *Vidas secas* (1938) apresentado, por meio da ficção, o drama de uma família de retirantes que percorre longos e dolorosos caminhos na busca de um local onde possa se refugiar das mazelas acarretadas pela falta de chuva e de bens que lhe saciassem as necessidades primárias é que podemos inserir essa narrativa no período denominado de Romance de 30.

A leitura do romance em estudo, escrito há bastante tempo, mas com uma problemática atualíssima, proporciona ao leitor emoções diversas, que vão desde a compaixão, a tristeza, até à raiva. Estes sentimentos são motivados, justamente, pela forma como o autor mobiliza os acontecimentos para representar uma situação social na qual a opressão daqueles que detém o poder massacra de forma tão violenta quanto as condições climáticas desfavoráveis ao homem que vive no campo e dele retira seu sustento.

Em parte da obra, percebemos que, embora acabado o período de estiagem e a família tenha conseguido se instalar em uma fazenda, os problemas e a precariedade do modo de vida permanecem. Para Candido (1992, p.47), a situação de Fabiano e dos seus pode ser assim explicada: “Fabiano ainda não atingiu o estágio de civilização em que o homem se liberta mais ou menos dos elementos. Sofre em cheio o seu peso, sacudido entre a fome e a relativa fartura [...]”. Nesta colocação, percebemos que a situação de miséria vivida pela família narrada em *Vidas Secas* não se explica apenas pela carência material, mas também por uma carência de informação e de métodos que possibilitassem a progressão daquele estado de plena miséria para um período de vida melhor.

2. A Linguagem em Vidas Secas

Desde o surgimento do homem, em épocas remotas da história da humanidade, houve a urgência do uso da linguagem, visto que a construção de ideias e a interação entre os indivíduos ocorrem por meio do emprego deste sistema de comunicação. Vários são os registros deixados por comunidades pré-históricas que comprovam a importância da linguagem para a sobrevivência do grupo. Dessa maneira, a articulação da linguagem sempre foi uma forma de o sujeito formular ideias, reproduzir necessidades e, com isso, garantir a expansão da vida.

Em vista da função social desempenhada pela linguagem, que é construir a interação entre os interlocutores, seu uso tornou-se uma exigência para a humanidade. Dentre as formas de linguagem elaboradas pelo homem, a palavra, seja ela falada ou escrita, representa uma das maiores invenções de todos os tempos, visto que qualquer evento em nossos dias se desenvolve por meio da articulação da palavra.

A manifestação verbal aponta o quanto a linguagem é interativa e pode revelar múltiplos sentidos. Por trás de um simples ato como falar uma frase, temos a mobilização de ideologias, sonhos, necessidades, dentre outros. A construção de sentidos do discurso depende da relação que se estabelece entre os sujeitos constituintes na situação discursiva.

É importante ressaltar que a linguagem dá margem para o sujeito concordar ou discordar de opiniões alheias, além de possibilitar o alcance de determinados objetivos, possíveis apenas quando o sujeito se apropria do discurso.

Foucault (1996, p. 10) afirma que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. As pessoas buscam, portanto, se apropriar do discurso, tendo em vista que ele possibilita a luta ou o exercício do poder.

Em vista do importante papel exercido pela palavra, torna-se difícil imaginarmos a vida sem a existência desta ferramenta humana. Nossas relações pessoais e sociais são construídas, sobretudo, pela maneira como fazemos uso do discurso. Bakhtin/Volochinov (1995, p. 37) nos ensinam que: “[...] o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra”. Dessa forma, reconhecemos que o uso da palavra nos permite estabelecer um elo com o outro, tendo em vista que por meio dela o indivíduo pode constituir suas relações através da interação construída pela linguagem.

É isso que afirma Geraldi (1997, p. 4-5):

Face ao reconhecimento, tácito ou explícito, a questão da linguagem é fundamental no desenvolvimento de todo e qualquer homem; de que ela é a condição *sine qua non* na apreensão de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo e nele agir; de que ela é ainda a mais usual forma de encontros, desencontros e confrontos de posições, porque é por ela que estas posições se tornam públicas, [...]

Compreendemos que sem o uso da linguagem não seria possível nos relacionarmos com outras pessoas ou mesmo compreendermos as coisas a nossa volta. Logo, em vista da relevância estabelecida pela linguagem verbal, torna-se difícil a vida em sociedade sem seu uso efetivo. Contudo, ainda há muitos indivíduos que não possuem uma voz ativa e, por isso, sua existência torna-se muito difícil.

Considerando essas ideias postas até aqui, no contexto de análise do romance *Vidas Secas*, salientamos que é notório nesta obra um silêncio

profundo, visto não temos a representação da vida em sua plenitude, mas a de indivíduos que só sobrevivem, apontando, a despeito do espaço hostil, uma resistência. Este silêncio é sentido pelo leitor, sobretudo, porque os personagens do romance quase não produzem palavras, apenas se ouve monossílabos, grunhidos ou qualquer coisa desta natureza, como podemos observar no seguinte trecho:

[Fabiano] vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais [...] E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural [...]. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (RAMOS, 1996, p.19-20)

Esta característica na obra é acentuada ainda mais quando o narrador, por vezes, introduz no meio da história alguns murmúrios produzidos pelos personagens, como por exemplo: “An” (RAMOS, 1996, p.33), ou então pequenas frases para representar a fala destes: “-Hum! Hum! Que brabeza!” (RAMOS, 1996, p.64); deixando nítido, para o leitor, a pobreza vocabular dos retirantes, de forma que para quem pouco possui, a linguagem parece ser mais um bem ausente.

Essa falta de diálogo no romance em estudo é comentada por Bosi (2003, p.20):

A linguagem de Fabiano e dos seus é tida por impotente, lacunosa, truncada, e a esfera do imaginário dá-se em retalhos de sonho e em desejo de um tempo melhor, tempo do fim das secas, com trabalho e moradia estável, de onde a família não seja expulsa pelo dono do gado nem finde a estação das águas.

Nas palavras de Bosi, a linguagem dos personagens em *Vidas Secas* é representada como aquela que não cumpre a sua função prática, que é comunicar, ela seria impotente, e nós leitores só teríamos acesso aos desejos

e anseios dos personagens, por meio da exposição que o narrador, por ser onisciente, faz do imaginário dos retirantes, imaginário este que florea vagamente, e aponta o anseio de dias melhores, nos quais os componentes da família estejam numa melhor posição social, e, assim, não sofram mais tantas restrições em decorrência da seca.

Graciliano Ramos projeta, para compor seu romance, personagens que, por estarem inseridos num contexto social precário, representam tipos cujas existências são revestidas de precariedade. Logo, Fabiano e os seus estariam para a figura do herói problemático, como descreve Bosi (2006, p. 391): “Em face da literatura burguesa, fundo comum da literatura ocidental [...], o romancista tende a engendrar a figura do “herói problemático”, em tensão com as estruturas “degradadas” vigentes”. Logo, essa escolha do romancista está relacionada à ruptura que os escritores da fase de 30 propunham com relação aos valores mantidos pela sociedade da época, visto que as produções do regionalismo apresentavam uma visão bastante crítica da realidade.

A obra dialoga com um viés mais documental de escrita, e é apresentada ao leitor de forma bastante expressiva, por meio de uma representação bastante vivaz da realidade. Contudo, o romance, embora possibilite o contato com uma realidade externa, o faz pelo mundo criado na forma com que se apresenta. Segundo Candido (2008, p.22);

Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva, de tal maneira que o sentimento de verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica.

Logo, a busca por uma representação próxima da realidade, muitas vezes, é constituída na escrita ficcional através da modificação da ordem das coisas, de modo que dê a elas mais expressividade.

Dessa forma, a pouca habilidade com a linguagem nas personagens aponta o desejo do autor em representar uma situação de extrema carência e desumanidade, à qual os personagens retirantes estavam submetidos. A esse respeito comenta Villaça (2006, p.10):

O autor [...] deseja perseguir um tipo de vivência a que falta exatamente o sentido de história como ordenação, como progressão dos acontecimentos, como sucessão épica reveladora ou qualificação do tempo em avanço, num universo de personagens as quais falta, quase sempre, a articulação plena de um discurso no qual as criaturas pudessem se dar a conhecer de modo mais exteriorizado e objetivo. No entanto, dentro de si mesmas, no silêncio de cada uma, há uma história acumulada, percepções seguidas... e reflexão contínua. A miséria física de sua situação tem na carência e na insuficiência das palavras um agravo fundamental, modulado diferentemente em cada uma das personagens.

Percebemos que a história de vida de cada personagem retratado no romance acaba sendo afetada de um modo diferente em decorrência da falta de habilidade com o discurso verbal. Contudo, mesmo com a ausência de palavras no cotidiano da família, notamos as particularidades dos desejos de cada um dos membros, de forma que o próprio silêncio também será responsável em apresentar significados dentro da obra.

Segundo a perspectiva de Orlandi (2007, p.29), “[...] *O silêncio é fundante*. Quer dizer, o silêncio é a matéria significante por excelência, um *continnum* significante. O real da significação é o silêncio”. (*Grifos do autor*). Logo, frisamos que, de maneira aparentemente contraditória, o silêncio advindo dos personagens transmite para o leitor múltiplos significados. Em vista disso, compreendemos que a ausência de palavras não simboliza falta de conteúdo ou falhas dentro da obra, mas sim um modo diferente que o autor encontrou de expor para o leitor que, assim como palavras, o silêncio pode conter também uma significância.

Ao levarmos em consideração o contexto representado em *Vidas Secas*, percebemos que a pobre família de retirantes sofre a restrição do aprendizado da língua escrita, e ainda é privada de uma interação social que lhe permitisse desenvolver as habilidades com a língua falada. Em consequência desses dois fatores, os personagens são incapacitados, em muitas situações, de utilizarem a língua em favor próprio e acabam compreendendo-a como algo opressor utilizado por aqueles que, por se encontrarem em posições sociais consideradas superiores àquela em que a

família se encontrava, se apropriam desse poder para tirar proveito das situações.

Logo, o silêncio percebido em toda a família pode ser compreendido como consequência de um sistema opressor que exclui seres humanos de possibilidades e oportunidades em detrimento do favorecimento de outros. Nessa esteira desse raciocínio, Orlandi (2007, p.29) comenta:

[...] a política do silêncio. Isto é o silenciamento. [...] aí entra toda a questão do “tomar” a palavra, “tirar” a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar etc. [...] Em face dessa dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência). (*grifos do autor*)

Nesta perspectiva, percebemos que o silêncio representa, de modo estético e crítico, a exclusão. No capítulo *Contas a voz do patrão*, imagem do opressor, faz com que Fabiano silencie, embora ele reconheça que Sinhá Vitória não se confunde na resolução de problemas matemáticos. Este é apenas um exemplo de silenciamento diante de tantos que percebemos no decorrer do livro. Isto nos mostra que, diante de situações opressoras, Fabiano e toda a sua família se sentem “menores” e tendem a calar suas razões e deixar que a razão do outro prevaleça.

Graciliano Ramos, no romance em estudo, mostra que, além da seca massacrante, existem sistemas que oprimem o homem simples e que desconhecem os direitos humanos, pois aquele que cala diante de situações nas quais reconhece que está correto, é um ser que vive às margens da sociedade e não possui voz, nem vez.

3. Silêncio e opressão: representações de Fabiano e do Menino mais velho

Dos personagens de *Vidas Secas* (1996), destacaremos Fabiano e o Menino mais velho nos respectivos capítulos: *Fabiano*, *Cadeia*, *O menino mais velho* e *Contas*. Buscaremos pontuar o modo como estes dois personagens compreendem a linguagem, visto que o uso da palavra no contexto romanesco está ligado a situações em que há injustiças e opressão. Por fim, apontaremos convergências e divergências na maneira particular de cada um dos personagens em análise atribuírem valores à linguagem.

No capítulo intitulado *Fabiano*, o narrador descreve o estilo de vida do vaqueiro, as raízes que o fixam a terra e o elo que ele mantém com a natureza de um modo geral. Entretanto, de maneira contrária à aproximação que mantém com a natureza, Fabiano vive distante das coisas que caracterizam o modo de vida de outros homens, e por esta razão, o pobre vaqueiro se reconhece como bicho.

A linguagem usada por Fabiano para se comunicar com outras pessoas é simplificada. O uso de palavras curtas e a reprodução de sons é o que predomina na conversação do vaqueiro, inclusive o simples indagar de um dos filhos já lhe causa grande inquietação, visto que para Fabiano não era bom que as crianças despertassem a curiosidade para novos conhecimentos, pois um aprendizado novo implicaria numa busca interminável por novos saberes. Dessa maneira, para esse personagem, era mais importante que os filhos aprendessem a exercer o papel do homem sertanejo, que se engaja nas atividades do meio rural, visto que dessa forma eles se tornariam indivíduos resistentes, capazes de suportar os problemas mais comuns desta região, sobretudo aqueles relacionados às grandes secas.

Contudo, Fabiano admirava a linguagem das pessoas que tinham uma maior instrução. Ele sabia que o conhecimento era uma forma de despertar o respeito dos outros, Seu Tomás da Bolandeira, por exemplo, era respeitado por sua condição de homem conhecedor das letras. No entanto, o ápice da soberania do seu Tomás era atingido na sua maneira cortês de falar com os outros, quando ele necessitava de algo, não agia de modo autoritário, mas era através de uma linguagem mansa que ele conseguia a obediência dos outros.

Já o patrão de Fabiano, para demonstrar autoridade e obter a obediência de seus subordinados, usava gritos e palavras rudes, de modo que

agredia o outro por meio da linguagem. O fato é que tanto o Seu Tomás da Bolandeira quanto o patrão de Fabiano eram sujeitos que se apropriavam do discurso para atingir suas metas, embora cada um o faça a seu modo.

Em contraponto aos sujeitos donos do discurso, Fabiano é apontado por Ramos como aquele que não tem voz, um ser que se confunde com um objeto, um animal da fazenda: “Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste [...] Seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia”. (RAMOS, 1996, p.23-24). A posição de Fabiano é de inferioridade perante outros homens, ele vive a condição de dominado, aquele que se cala diante da palavra do outro, embora reconheça a sua razão. Esse personagem é, portanto, um homem que baixa a cabeça e obedece aos mandos e desmandos dos outros, tudo porque não aprendeu a agir de outro modo.

No capítulo *Cadeia*, o leitor se depara com Fabiano agindo em um meio que não lhe é habitual: o vaqueiro encontra-se na cidade realizando a compra de mantimentos para a sua família. Entretanto, nem tudo ocorre bem nesta ação, visto que Fabiano sente-se lesado no preço e na qualidade dos produtos de que necessitava para o sustento dos seus, e por essa razão ele acaba se embriagando.

Ao encontrar-se sob o efeito da bebida, Fabiano senta-se sobre a calçada e conversa sozinho, mas como seu vocabulário não é suficiente, ele utiliza expressões do Seu Tomás da Bolandeira para enriquecer seu monólogo. (RAMOS, 1996, p.26-27).

Surpreendido por um soldado amarelo, Fabiano é convidado a jogar. A reação do vaqueiro é assim descrita: “Levantou-se e caminhou atrás do amarelo que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco e obedecia”. (RAMOS, 1996, p.27). A partir deste trecho, percebemos mais uma vez a condição de dominado a qual Fabiano estava submetido. O soldado amarelo ocupa a posição de dominante, e a farda que este usava representava uma hierarquia, reconhecida por Fabiano a ponto de ele sentir obrigação de obediência.

A disposição de Fabiano em atender ao convite do soldado resultou, em pouco tempo de jogo, na perda do dinheiro que ainda lhe restara. Sendo

assim, ele se levantou desorientado do local do jogo e saiu sem se despedir dos companheiros de partida.

Contudo, o término do jogo não representou o fim da questão que havia se instaurado entre Fabiano e o soldado. De um lado, o vaqueiro se sentia prejudicado pela perda do dinheiro, do outro o policial insultava Fabiano pelo modo como ele havia largado a partida. A insatisfação de ambas as partes foi o motivo de um desentendimento entre os dois sujeitos, e como o vaqueiro estava diante de uma “autoridade da lei”, as consequências foram mais drásticas para ele:

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu [...]. Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando [...].(RAMOS, 1996, p. 30).

Percebemos que Fabiano já saiu em desvantagem na confusão, visto que ele se envolveu numa briga com um soldado. O autor apresenta uma crítica ao poder que é dado as pessoas que ocupam cargos de certo prestígio social; inclusive, as acusações contra Fabiano para justificar sua prisão foram feitas apenas sob o ponto de vista do soldado, e, independente da veracidade dos fatos, o vaqueiro é preso e maltratado no cárcere, conforme a assertiva acima.

Ramos, de uma forma que alcança até o exagero, aponta constantes situações de injustiça a que o protagonista Fabiano acaba sendo sujeitado. Dessa forma, *Vidas Secas* é um meio de dar voz aqueles que são vítimas de um sistema que oprime e exclui, sobretudo, a população carente e menos esclarecida. Aqui, vemos a relação desta obra com o romance de 30, na medida em que esta proporciona ao leitor o acesso a determinadas situações de cunho sociocultural do nordeste brasileiro, característica fundamental dos romances incluídos naquele movimento literário.

Fabiano representa os inúmeros brasileiros que sobrevivem em situações de extrema exclusão, e sua história faz com que o leitor reflita sobre os direitos de igualdade humana, como podemos observar no seguinte trecho:

[...] Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? [...] Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? [...] Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. (RAMOS, 1996, p.35-36)

Ao analisarmos estes questionamentos, compreendemos que a prisão de Fabiano também foi pautada na sua não defesa, visto que “Quem cala consente” e o pobre vaqueiro não sabia utilizar as palavras, de modo a demonstrar a sua inocência, ou mesmo a culpa do soldado.

No episódio “O menino mais Velho”, percebemos já pelo título a falta de um nome que caracterizasse o protagonista deste capítulo. O autor nos apresenta um menino cheio de sonhos como qualquer outra criança, porém há um dado que limita e determina seu presente e futuro: ele não possui um nome.

O único fator utilizado para a diferenciação dos filhos de Fabiano e Sinhá Vitória, visto que o casal tem dois filhos, é justamente a faixa etária, uma vez que as crianças são mencionadas sob os títulos de o Menino mais novo e o Menino mais velho. Contudo, nosso enfoque será dado ao menino mais velho, conforme já indicamos neste estudo.

Tendo em vista o contexto abordado em todo o romance, já temos conhecimento do ambiente hostil que emoldura a vida da criança, pois a pobreza e a exclusão fazem parte do histórico do Menino mais velho. Acostumado apenas ao convívio com os pais e lhe sendo negado o direito de frequentar uma escola, o conhecimento linguístico do menino ficou bastante limitado. Todavia, como outras crianças, ele também se fazia curioso frente às coisas, inclusive, vocábulos diferenciados lhe chamavam a atenção, de modo a querer saber o que a palavra simbolizava.

Foi à curiosidade do menino a respeito de uma palavra que ele havia escutado na conversa de uma mulher chamada Sinhá Terta que motivou o episódio tão infeliz entre ele e Sinhá Vitória: *Inferno*, o que representava esta palavra aparentemente tão bonita? Foi esta a indagação mental feita pelo menino mais velho, e, como não sabia a resposta, a criança decide interrogar Sinhá Vitória, que falou de forma vaga a respeito de um lugar muito ruim. Insatisfeito com a resposta, ele recorre a Fabiano, mas é ignorado. Voltando-se para a mãe, a criança quer saber maiores detalhes sobre aquela palavra, se ela sabe como é o tal inferno, e, obtendo a resposta, o menino fica intrigado ao ouvir a referência de um lugar muito quente e procura saber se a mãe já viu este lugar. Por fim, Sinhá Vitória, achando a última pergunta do menino ofensiva, lhe aplica um castigo dando-lhe um cocorote.

Certamente a dor física doeu bem menos que a emocional. A curiosidade infantil na visão de Sinhá Vitória tornou-se um desrespeito às suas crenças, e como ela não sabia explicar oralmente sua insatisfação mediante o questionamento do menino, acaba usando de sua autoridade, marcada pela violência, para se impor diante do filho.

O texto nos mostra que a falta de diálogo por parte de Fabiano e Sinhá Vitória com o menino mais velho resulta na obscuridade do conhecimento por parte da criança. Sendo os pais oprimidos e excluídos na sociedade em que vivem, estes acabaram transferindo essa opressão para o filho.

Ao leitor ficam duas sensações: o sentimento de compaixão pelo pequeno hostilizado e a percepção do desejo de aprendizado por parte da criança. Este último pode ser observado no seguinte trecho:

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava da conversa de Sinhá terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso. (RAMOS, 1996, p.50-60).

Neste fragmento, observamos o quanto o menino mais velho estava atento aos sons e às palavras que ouvia, tinha dentro de si a vontade de

aprender e de ter o orgulho de transmitir aquele conhecimento para seus poucos amigos.

Por fim, no capítulo *Contas*, verificamos as condições de trabalho vivenciadas por Fabiano na fazenda onde trabalhava. Sabe-se que o vaqueiro era encarregado de exercer todas as atividades cabíveis para a criação dos animais da fazenda. Em troca destes serviços, Fabiano tinha o direito de permanecer com sua família nas terras do fazendeiro e receber como pagamento pelos serviços prestados a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos.

Entretanto, Fabiano tinha que se desfazer dos animais que adquiria para poder manter sua família, de modo que as rezes voltavam rapidamente para as mãos do patrão e o vaqueiro ainda ficava endividado.

Fabiano desconfiava das contas realizadas pelo patrão e recorria à mulher para que ela conferisse os resultados das somas e subtrações efetuadas pelo fazendeiro. Como sempre, Sinhá Vitória observava grandes diferenças entre os resultados obtidos por ela e pelo o patrão. Contudo, se alguma reclamação era feita, o chefe logo justificava que as diferenças provinham de juros.

Certa vez, Fabiano não aceitou as desculpas do patrão e quis discutir com ele. No entanto, o dono da fazenda achou a atitude do vaqueiro muito insolente e falou em demissão. Tão logo isso ocorre, Fabiano se arrepende, como podemos observar no trecho seguinte:

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica?[...] (RAMOS, 1996, p.93)

Fabiano sabia das impossibilidades de lutar pelos seus direitos, por isso ele se encolhia diante do patrão e da ameaça de perder o emprego. Ele se tornara escravo daquela situação, pois mesmo sabendo que era enganado, não conseguia mudar o quadro em que se encontrava.

A falta de perspectiva em transformar a própria realidade faz de Fabiano um ser cabisbaixo. Ele acreditava na existência do destino, e certamente o seu determinava uma vida de muitos sofrimentos, pois nascera paupérrimo e assim deveria permanecer até o fim: “Conformara-se, não pretendia mais nada. Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos”. (RAMOS, 1996, p.96).

Após a explanação de quatro capítulos de *Vidas Secas*, observamos que tanto Fabiano como o Menino mais velho trazem em suas histórias de vida muito sofrimento. O primeiro apresenta, por meio do rosto queimado do sol, as marcas de uma trajetória de vida marcada por muita privação. Do mesmo modo, o Menino mais velho deixa transparecer, através da fragilidade do seu corpo, a falta de alimentação adequada, de que sofria toda a família. O meio físico onde os personagens habitam é o sertão nordestino, no qual eles residem desde que nasceram, embora vivam em constante migração.

Sendo assim, tanto as personagens quanto o espaço possuem marcas que sugerem ao leitor um universo de profunda carência, difícil de ser deposto não só pela opressão social, mas também pela incomunicabilidade dos sujeitos oprimidos, ilhados no seu mundo, sobretudo pela desapropriação do seu discurso, como já evidenciamos.

Ao contrapor as personagens pai e filho, nos deparamos com um olhar diferenciado sobre a figura do homem sertanejo. Dessa forma, a obra torna-se um meio de demonstrar compaixão ao pobre massacrado pelo clima e pelo meio, de modo que a literatura desempenha, neste contexto, o papel de denunciar as mazelas sociais.

Como vimos, Fabiano não aprendeu a ter uma boa desenvoltura com a linguagem verbal. Já o Menino mais velho demonstra o desejo de aprender palavras novas, embora as relações de convívio não lhe permitam tal aprendizado. Sendo assim, o vaqueiro compreende que a linguagem pode ser perigosa, visto que, na sua visão, ela só favorece as pessoas que se encontram num nível social diferente do seu. O menino mais velho, mesmo com seu pouco tempo de vida, reconhece que algumas palavras servem para

designar algo bom; outras, não, vendo em cada palavra a possibilidade de uma representação diferente.

Os valores que os personagens atribuem à linguagem provém dos históricos de vida de cada um. Fabiano, que sempre estivera abaixo da palavra do outro, sabia que a linguagem contém poder, mas um sujeito como ele era incapaz de usufruí-lo. Por outro lado, o Menino mais velho imaginava que a palavra *inferno* se referisse a algo bom, mas teve a pior lição para entender que seu pensamento estava errado. Logo, ele é induzido a compreender que não é permitida a pronúncia de todas as palavras. Nisso, pai e filho se aproximam. Fabiano, reconhecendo que o discurso tem dono, recolhe-se ao seu lugar, não questionando mais seu patrão. Do mesmo modo, o menino mais velho aprende, com o episódio do “Inferno”, que o discurso é controlado por pessoas que, em certo momento, detém o poder de mando, no caso, a sua mãe, Sinhá Vitória. Portanto, embora em contextos diferentes, a exemplo de seu pai, O menino mais velho também se recolhe em seu lugar.

Assim, as piores injustiças sofridas por esses personagens tiveram alguma relação com o uso da linguagem. O menino mais velho sofre violência moral e física em virtude de ele não saber perguntar, pois este personagem, por não reconhecer o significado da palavra inferno, acaba sugerindo que sua mãe já tinha estado neste lugar. Já Fabiano foi preso e roubado pelo fato dos outros usarem palavras que o prejudicaram e ele não soube como defender-se desses atos. Em vista disso, a sensação de impotência é sentida pelos dois personagens, quando eles se veem injustiçados e não enxergam nenhuma possibilidade de lutar contra esta situação.

O romance enquadra-se no estilo de literatura considerada social. Nele, não encontramos nenhum tipo de apelo barato por meio da linguagem, e sim uma crítica profunda contra os sistemas de organização social do país, tendo em vista que essa percepção é interiorizada no discurso estético. Os problemas vivenciados pela família de retirantes são creditados a um sistema político que desrespeita os direitos do ser humano, uma vez que estes não usufruem igualmente das mesmas condições e dos mesmos bens.

Como Fabiano tinha toda uma experiência marcada pela desigualdade que o mantinha afastado de outros homens, ele havia associado “sua

ignorância” ao fato de não ter tido acesso ao aprendizado escolar, não desenvolvendo, assim, a habilidade de comunicar-se em diferentes meios. Tal dificuldade era um fator que o deixava inferiorizado, e esse problema, na visão de Fabiano, era de ordem natural e não social, por isso o sertanejo não enxergava nenhuma perspectiva de mudança de vida.

O Menino mais velho, mesmo de maneira inconsciente, tinha a percepção de que as palavras proferidas por determinadas pessoas da sociedade traziam em si um valor diferenciado daquelas que ele e sua família utilizavam para se comunicarem: “[...] com certeza [a palavra era] importante porque figurava na conversa de Sinha Terta”. (RAMOS, 1996, p.59). A ideia feita pela criança de que o discurso do outro continha um poder, era válida somente para aquelas pessoas que tinham determinado prestígio social.

Os valores construídos e atribuídos pela sociedade às coisas que dela fazem parte representam muito além do simbólico. Em *Vidas Secas* nos deparamos com as constantes quedas da família de retirantes, justamente por estes viverem em uma sociedade que lhes negavam o direito de ter acesso aos bens materiais e culturais.

Em vista desses valores que estamos sempre atribuindo às coisas e ao outro é que vemos Fabiano e toda a sua família tornarem-se “invisíveis”, pois a eles foi negado um bem que certamente lhes possibilitaria a busca e a chance da liberdade: a voz, o discurso. Como toda a família não aprendeu a gritar, nem a cobrar seus direitos, só lhe resta caminhar mesmo; que sem rumo, na esperança de que, talvez, na outra margem do horizonte; os valores sejam diferentes.

4. Considerações finais

Diante do exposto, nosso estudo abriu margens para compreendermos o contexto de criação dos personagens Fabiano e o Menino mais velho, entendendo as particularidades de cada um destes.

Para a exploração da obra foi relevante pontuarmos o momento de sua produção, visto que o próprio contexto trouxe muitas informações que

auxiliaram na construção da leitura. Também se fez necessária uma explanação sobre a importância da linguagem, tendo em vista que esta temática constituiu nosso enfoque dentro do romance.

No romance, Ramos, por meio de uma narrativa que pretende ser objetiva, discute, a partir de uma família de retirantes, a miséria que persiste no meio social. Apesar de a obra tratar do sertão nordestino, reconhecemos que muitos aspectos nela abordados transcendem este espaço e alcançam a universalidade.

Fabiano representa um sujeito social que pode ser visto naqueles que vivem à margem da sociedade marcada por diferenças, pelas quais os indivíduos são hierarquizados. A crítica construída na obra, especialmente em virtude deste personagem, é bastante relevante, sobretudo, pelo fato de Fabiano não possuir voz significativa no meio onde vive.

O personagem do menino mais velho nos mostrou o sofrimento que é nascer sem nome em uma sociedade que tanto valoriza o status pessoal. Ramos ainda expõe a pouca chance de mudança de vida da criança, visto que ele está preso à realidade dos pais, sem a oportunidade de nenhum crescimento, tendo em vista sua carência social e linguística.

A análise mostrou a importância do uso da linguagem e as consequências de sua não apropriação na vida daqueles que não desenvolveram as habilidades linguísticas. Essa relação se fez relevante, na obra de Graciliano Ramos, para compreendermos que o discurso é um bem social capaz de transformar vidas, mas também pode ser usado para prejudicar o outro.

Nosso trabalho constatou que a literatura pode desempenhar uma função social, ao dar voz a seres marginalizados e excluídos da sociedade. Nos personagens Fabiano e o Menino mais velho, podemos observar que, apesar da pobreza infanda, existe uma esperança, mesmo que vaga, capaz de fazer os retirantes prosseguirem rumo a um local menos hostil.

Abstract

Language is inserted in our lives by several ways and it is through it that we constitute our yearnings and opinions. Literature which is also a kind of language, although its use and reception differ from the ways we use it in other communicative spheres, presents stories and characters able to make the reader sensitized through narratives which point to several social problems. This present article performs a bibliographical research about the relationship settled between social exclusion and the scarce discursive ability of excluded people. Through this theoretical incursion, this novel analyses the sparing use of language by the characters in the work *Vidas secas*, from the writer Graciliano Ramos, published in 1938, in view that they use a monosyllabic language full of lexical gaps, conveying to the reader the feeling of continuous incomprehension through the story the work. However, this insufficient discursive manifestation is the responsible factor for the signification of the novel. For this study, it has been taken as *corpus* the chapters *Fabiano*, *Cadeia*, *O menino mais velho* and *Contas*, in order to present a comparative analysis aiming mainly to see how the non-use of language interferes negatively upon the lives of the characters *Fabiano* and *O menino mais velho* reflecting a situation of social exclusion. Therefore we have taken as theoretical presuppositions the authors Bakhtin/Volochinov (1995), Orlandi (2007), Candido (2008), Carvalhal (2007), and others.

Keywords: *Vidas Secas*; Language, Social exclusion

Referências

BAKHTIN/VOLOCHINOV M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BOSI, Alfredo. Chuva e seca. In: **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideologia. 34. ed. São Paulo: Duas cidades, 2003, p.19-32.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. 34. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. **Literatura e Sociedade**: estudos da teoria e história literária. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MOISÉS, Leyla Perrone. Os heróis da literatura. **Estudos avançados**, nº 25, São Paulo, 2011, p. 251-267.

MONTENEGRO, Pedro Paulo. **O romance de 30 no nordeste**. Fortaleza: PROED, 1983.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 71ª ed. São Paulo: Record, 1996.

VILLAÇA, Alcides. Imagem de Fabiano. In: NÓBREGA, Marta e PINHEIRO, Hélder (Orgs.) **Literatura**: da crítica à sala de aula. Campina Grande: Bagagem, 2006. P. 9-23.